

se torna cega para os atributos da alma, para as atividades do Espírito: faz-se materialista. Põe-se a mendigar fora de si a luz que, por sua própria vontade, lançara à voragem da animalidade, da natureza inferior. Sem a luz, que "ele abomina" e que, no entanto, procura, estando nela imerso, o homem nada vê e em nada acredita. O poeta nos diz, portanto, que cada um de nós possui uma centelha divina, que cumpre cultivar, e não extinguir, para que, com essa luz própria, possa cada um guiar-se, afastando-se do local de onde se lançaria ao abismo dos condenados; nesse báratro, impossível lhe é receber um raio de luz, uma vez que não se encontra em condições de ser esclarecido. Nova advertência, pois, contra a desmedida obediência aos imperativos da matéria, ampliando a contida no Soneto III.

— / / / —

Soneto VII

1-12-1946

*Doce a contemplação do empório santo;
Favôniós matinais soprando avenas;
Há dilúvios de rosas e verbenas
De resplendente luz, no ebúrneo manto.*

*Terna revelação, sublime encanto!
Longe da sombra de mundanas penas,
Cantam vozes de díltidas Camenas,
Liras de Orfeu, em plácido quebranto.*

*Tudo sonhos e amores inocentes;
Nada recorda as cóleras da guerra
Que extermina os humanos descendentes!*

*No sublime concerto tudo encerra
O júbilo dos bons, a paz dos crentes
Que venceram nas lágrimas da Terra.*

Se a revolta contra as leis divinas, o cultivo do orgulho, da vaidade, das vis paixões, da ausência de fé, a repulsa voluntária da luz interna, que deveria aclarar-nos

o caminho, nos trazem aflição e tristeza, o amor fraternal, a bondade e a fé sincera nos conduzem, em contraposição, ao sonhado Éden. Existem, pois, recompensas e castigos, de acordo com o nosso procedimento ditado pelo livre arbitrio. Neste soneto o poeta nos descreve as delícias puras, que fruirão os Espíritos vencedores de suas provas na Terra: é o contraste entre o bem, agora focalizado, e o mal, que ele pintara, em seu estilo tão característico, nos versos anteriores.

Soneto VIII

2-12-1946

*A passagem do túmulo desata
Tanto a orgulhosos reis, como a pastores,
A Parca de mil dedos matadores
Da cólera medonha em fúria ingrata.*

*Não lhe valem à horrífica bagata
As riquezas e os dons encantadores,
Nem lágrimas, nem rogos, nem favores;
Nada lhe foge à sanha intmorata.*

*O' Deus! O' Céus! cruel destino humano,
Tremei, mortais, guardando vosso dia
No fraternal amor que obra sem dano.*

*Rasgam-se os véus de toda soberbia
Ao vento do sinistro desengano,
Na amarga solidão da cova fria.*

Recorda-nos que todos temos de deixar este planeta: orgulhosos, humildes, potentados, ricos, formosos. Não há fugir à morte; mas poderemos aguardar tranquila-